

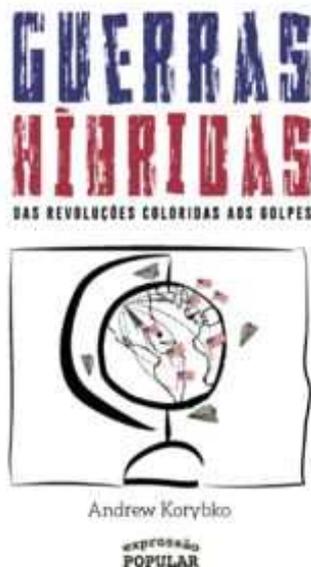
resenha

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções aos golpes. 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2018. 171 p.

**“Guerras híbridas”:
uma reflexão sobre a influência do uso das mídias sociais na
política internacional**

APARECIDA FAVORETO *

ELMA JÚLIA GONÇALVES DE CARVALHO**



Andrew Korybko, jornalista da *Sputnik News* é analista de geopolítica russo e conselheiro do *Institute for Strategic Studies and Presedictions*. Nesse livro, ao analisar a nova tática geopolítica dos Estados Unidos em um mundo que se torna mais multipolar, utiliza o conceito de “guerra híbrida”, uma combinação entre as “revoluções coloridas” e as “guerras não convencionais”. Para ele, esta é uma “nova estratégia de guerra indireta” para tomar o poder e derrubar a liderança do Estado de países não alinhados à política norte-americana

para o novo século. Nesse caso, as tradicionais intervenções militares estadunidenses, caracterizadas por bombardeios, tanques de guerra e ocupações militares, estão sendo substituídas por métodos indiretos de desestabilização, ou seja, pela ação de “manifestantes” e insurgentes, que, mobilizados pelas mídias sociais, promovem uma espécie de “golpe brando”.

Nesta nova estratégia, sob as aparências de movimentos “pró-democracia”, com a combinação de estudos psicológicos e propagandas com novas tecnologias e mídias sociais, inicia-se uma ampla e planejada ação na implantação do que ele denomina como “revolução colorida”. Caso o “golpe brando” fracasse, pode-se avançar para uma “guerra não convencional”, travada por grupos armados não oficiais (guerrilhas, terroristas ou insurgentes contra o governo), sem precisar que os EUA arquem com o uso direto de suas tropas.

No primeiro capítulo, para “demonstrar que a combinação de revoluções e guerra não convencional representa uma nova teoria de desestabilização de Estados” (KORYBKO, 2008, p. 15), Korybko

expõe os fundamentos teóricos de seu conceito de “guerra híbrida”. Ele chama a atenção para o avanço das teorias geopolíticas, que servem de sustentação para as ações políticas dos Estados Unidos na Eurásia, especialmente na Rússia; examina as teorias militares que elevam a atratividade da “guerra indireta”; aborda a “dominação de espectro total” e mostra como as “revoluções coloridas”, são estruturadas institucionalmente.

Apoiando-se nas análises de Lind sobre “guerras de quarta geração”, cujas marcas são a guerra de informação, as operações psicológicas e a supressão da distinção entre a instância civil e militar, Korybko (2018) destaca que algumas táticas são adotadas nas “revoluções coloridas” e na “guerra não convencional”, as quais se configuram como os dois pilares da “guerra híbrida”. Dentre essas táticas, ele menciona: os *cinco anéis*, a *abordagem indireta*, o *ciclo OODA* (observar a situação, orientar-se, decidir e agir), a *guerra em rede*, os *enxames* e a *teoria do caos*.

No segundo capítulo, o autor explica como as ideias subjacentes às “revoluções coloridas”, como a primeira parte da “guerra híbrida”, são difundidas e como são recrutados os participantes. Argumenta que a propaganda exerce um papel fundamental para disseminar ideias, gerar consensos, influenciar e orientar a forma de pensar da população. Por um lado, os estudos da psicologia das massas fornecem os métodos para atingir o imaginário das pessoas, para motivá-las e para promover impulsos coletivos; por outro, as tecnologias de comunicação instantânea possibilitam que pessoas com as mesmas ideias e interesses se associem e se organizem em ações conjuntas. Nesse processo, aparentemente espontâneo, os indivíduos serão involuntariamente

“usados como artifícios para dar a impressão de apoio unânime ao golpe” (KORYBKO, 2018, p. 48) e também podem servir de “escudos humanos”, protegendo e/ou camuflando os membros centrais, que permanecem invisíveis na “revolução colorida”.

A luta para controlar ou moldar a “consciência coletiva” por meio de imagens, sons e informações é denominada de “guerra neocortical”. Korybko (2018, p. 51) descreve o novo tipo de conflito social, movido por ‘redes sem líderes’, compostas principalmente por atores desvinculados do Estado” e conectados via internet (Google Maps, You Tube, Facebook e Twitter). Caracterizada por uma “descentralização tática”, essa guerra social em rede, “difusa, dispersa, multidimensional, não linear e ambígua”, desafia e transcende as fronteiras, as jurisdições, confunde “as crenças fundamentais do povo acerca da natureza de sua cultura, sociedade e governo” e, ao mesmo tempo, busca “instigar o medo”, desorientando e perturbando “suas percepções” (KORYBKO, 2018, p. 52). Para o autor, nessa guerra indireta várias organizações de inteligência, inclusive o Pentágono, utilizam-se de artifícios planejados para recrutar e/ou envolver simpatizantes que, conscientemente ou não, constroem um conjunto de células interligadas em rede, organizando os chamados “enxames” ofensivos e dando vida ao “golpe brando” contra o Estado-alvo.

No terceiro capítulo, discorre sobre a “guerra não convencional” e sua forma de aplicação. Ele afirma que esse mecanismo é composto de “atividades conduzidas para viabilizar um movimento de resistência ou insurgência” e “coagir, abalar ou derrubar um governo”. Ressalta que essa operação não ocorre de forma isolada ou espontânea e sim como continuação de

um conflito pré-existente na sociedade. Assim, “uma força clandestina” (guerrilha, sabotagem, insurreição urbana, terrorismo etc.) “apodera-se de uma infraestrutura política, militar e social pré-existente” e incentiva ações estrategicamente calculadas para obter “ganho político” e atender aos “interesses nacionais dos EUA”. Tais ações são justificadas como uma “luta pela libertação democrática”, como, segundo ele “é habitualmente retratado de maneira enganosa pela mídia ocidental” (KORYBKO, 2018, p. 72).

Korybko destaca que o uso dessa forma de guerra tem sido ampliado consideravelmente a partir da década de 1990. O envolvimento de atores desvinculados do Estado (mercenários, terroristas, militares privados e segurança privada) tornou-se frequente a ponto de o Pentágono ter reduzido suas forças convencionais, enquanto “injeta mais recursos para reforçar suas forças especiais e recursos de inteligência e contrata cada vez mais empresas militares privadas” (KORYBKO, 2018, p. 75).

Para Korybko (2018, p. 75), semelhantemente ao que ocorre na “revolução colorida”, a “guerra não convencional” segue “à risca certas estratégias para potencializar seus esforços” na direção da troca do poder político. Assim, as teorias militares e as inúmeras táticas de guerra híbridas são mescladas e combinadas com o objetivo de imobilizar o adversário deixando-o vulnerável à uma variedade de ataques” (KORYBKO, 2018, p. 78). Citando um sigiloso documento de treino de forças especiais do Exército dos Estados Unidos (TC 18-01), o autor assegura que existe um planejamento sistemático para cada passo e que, antes de ser iniciada a “guerra não convencional”, são realizados estudos para verificar sua

viabilidade. Nesse sentido, os Estados Unidos reúnem-se com opositores do governo ou enviam especialistas militares a campo. Tomada a decisão, oferecem o “suporte através de um parceiro de coalização ou de um país terceiro” e, havendo oposição entre os insurgentes, utilizam-se da estratégia da “liderança velada”. Em paralelo, realiza-se a “atividade de informação”, cujo fim é aumentar a “insatisfação com o regime” e trazer a “resistência como uma alternativa viável”. Assim, “pesquisas psicológicas e sociológicas avançadas” são usadas para conhecer o campo e verificar as possibilidades de influenciar as percepções e os comportamentos da população e “contra-atacar com informações “falsas” ou “difamadoras” do inimigo que possam minar a missão da guerra não convencional” (KORYBKO, 2018, p. 83).

As estratégias da “revolução colorida” e da “guerra não convencional” seguem padrões semelhantes e, em um tempo sincronizado, percorrem três estágios. No primeiro, “fase latente ou incipiente”, é desenvolvida a infraestrutura de apoio, na qual ações clandestinas preparam psicologicamente e instrumentalizam a população para resistir ao poder estabelecido. O estágio seguinte é o da “guerra de guerrilha”, quando se busca “um acontecimento externo” para funcionar como uma “fagulha que desencadeie uma insurreição” contra as autoridades (KORYBKO, 2018, p. 85). Prepara-se assim o quadro para o terceiro e último estágio, o da “guerra de movimento”, quando, ao se provocar “o colapso do governo existente (por ações militares ou internas)”, “a insurreição não precisa naturalmente se transformar em uma força militar convencional, mas deve se encarregar de derrotar o governo e ocupar o poder” (KORYBKO, 2018, p. 86).

No quarto capítulo, para comprovar sua tese da existência de uma “guerra híbrida”, o autor analisa a relação entre a “revolução colorida” e a “guerra não convencional”. Seu argumento é de que esses dois pilares da “guerra híbrida” têm relação geopolítica, ou seja, a guinada política dos últimos tempos no rumo da multipolaridade colocou limites na intervenção dos Estados Unidos na Eurásia (Rússia, China e Irã) e tornou necessária a utilização de métodos indiretos de confronto. Apesar de sua característica irregular, a “guerra híbrida” possui um manual de campo, cujos claros objetivos são: confundir a população, provocar a instabilidade política na periferia do alvo, enfraquecer e derrubar os governos indesejáveis ou reorientar/reajustar o regime, a fim de impor um regime favorável aos objetivos políticos e econômicos dos Estados Unidos.

Na conclusão, Korybko destaca que é difícil prever a direção exata da “guerra híbrida”, mas adverte que as potências da Eurásia necessitam elaborar estratégias defensivas.

Cabe destacar que há àqueles que questionam a existência das “guerras híbridas”, que são contrários a perspectiva de que os EUA sejam

mentores de movimentos a fim de desestabilizar governos a partir de grandes manifestações de massa ou, ainda, que consideram que a análise do autor revele, a partir de uma narrativa conspiracionista, a defesa dos interesses do Estado russo. Contudo, em um contexto crescente da proliferação do uso das redes sociais em um mundo marcado por novas disputas geopolíticas e ideológicas, a abordagem sobre a “guerra híbrida” estimula reflexões sobre sua possível reprodução em qualquer outro lugar do mundo e sobre a influência das mídias sociais (divulgação de informações reais, falsas ou manipuladas) na formação de opiniões e na indução das ações políticas da população, pondo em risco o regime democrático.

Por fim, o livro nos instiga a indagar o papel da educação no atual contexto político, econômico e cultural globalizado, a fim de nos tornarmos menos suscetíveis às influências das mídias sociais e tecnologias afins, bem como a reflexão do novo fenômeno a partir dos conceitos da produção material da vida.

Recebido em 2020-05-18

Publicado em 2020-06-07



* **APARECIDA FAVORETO** é Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Membro do grupo de pesquisa - História e Historiografia na Educação; Docente Associada do Mestrado e do Doutorado em Educação e do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.



** **ELMA JÚLIA GONÇALVES DE CARVALHO** é Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa ‘Políticas Públicas e Gestão Educacional’, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.